

(CF) - Que esta, que esse tratamento dado aos professores eu considero a grande falha na implementação do sistema educacional de Brasília porque o problema de moradia dos professores a partir de 1960, gerou uma série de conflitos que, que tiveram desdobramentos e consequências que, não sei se elas perduram até hoje. Porque nós começamos o ano, o ano letivo no dia 16 de maio, nossas férias foram em setembro; eu fui passar os meus 15 dias de férias em Belo Horizonte, com os meus pais e quando voltamos, meu marido e eu, eu tive a notícia de que os professores que ficaram em Brasília, haviam articulado uma greve, a qual nós todos aderimos e que gerou um conflito muito sério com a, com a administração da CASEB. Esse conflito teve desdobramentos porque terminado o ano letivo, no decorrer das férias, muito dos professores, os líderes da greve foram, foram demitidos, esta demissão foi muito traumática. Eles ficaram em Brasília, lutaram pela sua volta, foram é, readmitidos pelo prefeito Paulo de Tarso dos Santos e não, não voltaram às salas de aula mas foram distribuídos em outros setores do serviço público da prefeitura. Era, é uma pena porque eram colegas da mais alta categoria profissional, evidentemente, que muito politizados e que tomaram suas posições, né?

(WC) - Quantos professores foram demitidos naquela época? Lembra-se?

(CF) - Eu não saberia dizer não, mas uns dez talvez.

(WC) - Algum nome, lembra-se?

(CF) - Ah sim! Eu me lembro da professora Leda Naud, Santiago Naud, o, o, o Santiago ele também foi, a professora Mariana Alvim.

(WC) - Imagina, a minha orientadora educacional.

(CF) - E. Ah, quem mais? A Maria José, Maria José, tem tantos, é até minha amiga, gosto tanto dela, eu não saberia dizer agora quantos e quais, mas houve um grupo foi, a Oneil Teixeira, tanto quanto eu me

lembro.

(WC) - Professora René.

(CF) - René, René. Quem mais? E alguns outros. Professor Pimentel, se eu não me engano, não tenho certeza, não. Professor Pimentel, o problema foi mais tarde.

(JD) - (incomp.)

(CF) - É. Em 61, maio, recebemos desse prefeito, o Paulo de Tarso as casas da quadra 708 que na época eram quadra 20, quadra 21, aquela da praça 21 de abril e a seguinte, né? E.

(JD) - Em 62 houve a invasão.

(CF) - Em 1962 e, e, esse, como esse problema residencial nunca se resolveu satisfatoriamente a, a insatisfação, o conflito ficaram latentes. Eu era diretora da CASEB, em 1962, quando os professores invadiram a, a quadra, as quadras 712 e 713 do BNDES que, quadras que estavam com as casas prontas e fechadas havia algum tempo. Eu estava no meu gabinete de trabalho quando fui procurada por alguns professores é, é, a frente deles o professor Reginaldo Gale, que me disseram o seguinte: que eles tinham por mim um grande apreço, eu era a diretora do colégio mas era uma grande colega e que eles gostariam que eu não fosse tomada de surpresa, que eles naquela noite iriam invadir as casas (riso) do BNDES. E eu tive, evidentemente, uma, uma, um conflito interior muito grande, era a diretora da escola, não é? Com uma, uma responsabilidade administrativa e era colega, não é? Mas como eles disseram isto a colega e eu achei que não tinha o direito de traí-los, né? Fui pra casa, sabia (riso) que aquilo ia ocorrer. À noite, eu fui ao alojamento, visitá-los, a coisa ia ser a meia-noite, eu fui ao alojamento visitá-los mas tavam, tavam preparando ali as

caixas, uma porção de coisas, estavam preparando, as malas estavam todas prontas e tudo isto. E esta invasão se deu durante a noite e o doutor Eli Megali era o superintendente da educação à época, cargo que é hoje de secretário da educação. Mas à época não era governo, era governadoria, era prefeitura, esta.

(JD) - Ele era o que então?

(CF) - Ele era superintendente de educação. E ele mandou me chamar no gabinete dele que ficava no segundo andar da prefeitura, no segundo andar do bloco um, onde hoje é o ministério, ministério da Educação. O setor ainda não tinha prédio próprio, mais tarde ela se mudou pra zona, região do, dos institutos ali, né? Setor da, do providenciário. Só depois, ao tempo do Wadjô Gomide é que se construiu o palácio do governo Buriti e diga-se de passagem, foi o presidente Costa e Silva que fez a, esta promoção (riso) da, do governo do Distrito Federal, de prefeitura para governadoria. Segundo me disseram, eu não tenho provas disso, foi uma homenagem ao prefeito Wadjô Gomide que ele queria que fosse governador, que era uma pessoa, pessoa com quem ele tinha grande apreço e de fato foi um grande prefeito. Ele hoje é secretário de Obras, né?

(WC) - De Obras, né? Wadjô.

(CF) - Ele foi realmente um grande prefeito em Brasília.

(INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO)

(WC) - (incomp.)

(CF) - Eu saí da escola normal.

(WC) - Voltando.

(CF) - Voltando, então, a doutor, a invasão das casas, doutor

Menegali, que era um educador de renome, renome, de altíssima categoria pessoal, profissional, uma das pessoas mais elegantes, e eu estou dizendo elegante no sentido é.

(WC) - De postura.

(CF) - De postura, de comportamento, né? De cavalheirismo, um dos homens mais elegantes com quem eu já convivi. Ele me chamou, me perguntou: "Professora, a senhora sabia?" Eu disse: "Doutor Menegali, eu tenho o dever de dizer ao senhor que eu sabia. E o senhor tem toda a liberdade de me demitir, da direção do, do colégio. Agora, eu não me senti, moralmente, autorizada a dizer o, a vir dizer ao senhor, apesar, de ser a diretora da casa, eu não entendi que isto era assunto da direção do, do estabelecimento. Isto é um problema dos professores com a administração, por um motivo muito sério, que é o de residências em Brasília, esses professores, a maioria moravam em alojamentos, né? Eu acho que a administração tem tratado muito mal os professores, no tocante a moradia. É, é incompreensível, que a administração, em âmbito federal ou local, possa conceber que professores vivam sem ter uma residência condigna. Então, o senhor está inteiramente livre pra me demitir". Ele disse: "Eu não a chamei aqui pra isto! Eu queria que a senhora me sugerisse alguma coisa." Ele era muito elegante e tinha também alma de educador. Ele também sentia o problema, só que não estava nas mãos dele resolver. Ele: "Que conselho a senhora me daria pra gente amenizar o trauma?" Porque os professores esta... haviam invadido as casas e não saíam de lá.

(WC) - E foram cercados.

(CF) - Foram cercados pela polícia e precisavam ficar lá, se eles saíssem a polícia retomava as casas, e eles ficaram ali vários dias.

Eu disse: "Eu acho que o senhor deveria decretar um recesso. Tendo em vista, uma si... si... situação de anormalidade. Porque o recesso, depois se retoma às aulas, se cumpre o calendário, os alunos não ficam prejudicados e se, e se esfria um pouco essa coisa. Porque, evidentemente, se o colégio for abrir hoje e eu já tive isso hoje cedo o, é, é muito difícil. Eu disse aos alunos que não haveria aula, eu tomei a liberdade de dizer que não havia aula, não tem, eu tenho professores lá dentro que tinham outras residências e tudo. Mas nós temos problemas nesses próximos dias, faltam muitos professores. E os alunos podem se emocionar, eles, evidentemente, eles vão se colocar ao lado dos professores."

(WC) - É, houve realmente uma.

(CF) - É. Então, eu acho que.

(WC) - Chamada.

(CF) - "Eu acho que nós devemos ter uma, uma medida de prudência, uns dois ou três dias aí de recesso." Eu não me lembro por... se isso depois foi somado com o fim-de-semana e se retomou. Depois eu negociei com ele, os professores não foram cortados, não tiveram seus dias cortados, mas eles tiveram que ficar lá muitos dias.

(WC) - Foi, foi mais de um mês, não foi?

(CF) - Foi! Mas depois eles já começaram a sair para dar aula e eu não lembro o tempo que isso levou. E apareceu o doutor Tavares que era assessor do, do presidente João Goulart, esse doutor Tavares eu acho que ainda está em Brasília, e que levou, eu ia sempre às reuniões, as reuniões eram dentro do, do colégio.

(WC) - Do CASEB.

(CF) - Do CASEB. Numa, numa das reuniões lá com a, a, o comando lá da invasão, né? A, a, esse doutor Tavares deu um recado do presidente

João Goulart aos professores, eu sou testemunha, ouvi isso dele: "O presidente João Goulart não deseja que os senhores voltem de cabeça baixa para a sala de aula mas também não pode é, endossar um, uma invasão de residência." Também o presidente da República que era um populista, (riso) trabalhista... homem trabalhista que veio, que era do Partido Trabalhista Brasileiro, um Getulista que tinha vindo do ministério do Trabalho, não é? É, é, este homem teve dificuldades de tratar o problema porque ele queria dizer aos professores que ele compreendia, que ele não queria humilhá-los mas como presidente da República, como autoridade, ele não podia endossar um ato de, que afinal era um ato criminoso, não é? Diga-se de passagem. E foi, a coisa foi tratada a meu ver com muita sabedoria e com muita relevância é, assim, com muita, muita condescendência, diria. Porque não houve punição, a polícia tomava café lá dentro, né? Os, o, o, a gente levava as coisas pros professores, né? Comida, refrigerantes, frutas, doces, toda hora, travesseiro, tinha que levar tudo porque eles saíam meio, né? sem levar muita coisa, a gente foi melhorando a vida deles lá e a polícia foi ficando amiga deles lá também, sabe? Porque aquele cerco lá, todas as noites nós íamos, eu ia como diretora do colégio, com toda a tranquilidade, era diretora lá, né? É, nos íamos.

(WC) - À noite fazia as visitas que quizesse, né?

(CF) - Serenata, fazíamos sre... é, é, é, como chama aí, serestas, fazíamos seresta quase toda noite, sabe? Havia é, atividades culturais ali na grama tudo pra melhorar, a, alegrar a vida deles porque eles, eles cortaram a luz, eles ficaram no escuro, ficaram sem água. A coisa ficou muito difícil nas primeiras horas, nos primeiros dois dias, depois foi amainando, né? E graças a este homem, doutor Eli

Menegali que era um homem de, de, um homem de consenso, um homem moderado, ele entendeu, eu tenho a esperança de ter contribuído com as conversas que tive com ele; ele me prezava muito, achava que eu era uma pessoa sensata, equilibrada. Eu disse a ele que, evidentemente, eu achava que, como todo mundo achava, eu não podia dizer que os professores fizeram bem, de invadir casas, eles não fizeram bem isso não se faz. Ele dizia: "Eu fico preocupado com o exemplo que os professores estão dando pra os jovens, né? De invadir casas, de resolver as, as suas pendências, as suas necessidades à força, esse argumento da força." Eu disse: "Por outro lado, doutor Menegali, o senhor vai me desculpar, discordar, mas é preciso tam... os, os jovens também estão percebendo uma coisa muito séria, é o descaso que tem havido, das autoridades, com relação aos professores. Isto também, eu acho que ofusca muito a imagem, isto prejudica muito o prestígio do professor."

(WC) - Isto.

(CF) - "Junto aos alunos."

(WC) - A autoridade.

(CF) - "Quer dizer, que profissão é esta que não merece, se quer, casa condigna pra morar?" Porque que eu sabia foi a única categoria profissional que teve assim sérios conflitos pra lutar pra ter uma casa pra morar, foram os professores. Eu gostaria de dizer a vocês, que foi muito traumático, pra todos nós, esse problema da moradia em Brasília e eu tive uma, uma experiência de ordem pessoal, que eu considero muito significativa e que me parece que deva ser registrada aqui, quando eu enfatizo a falta de mo..., a, o tratamento de, aos professores, em matéria de moradia, como sendo a página negra da implantação do sistema educacional. Eu tive um problema de saúde em

dezembro de 1960, e como estava vindo de Goiânia para Brasília, nossa casa ainda estava lá, meu marido tinha ficado, ele só veio mais tarde, ele só veio em 61 pra Brasília, eu fiquei o ano de 60 sozinha aqui, ele vinha todas às sextas-feiras e voltava na segunda. E eu tive que fazer uma in... tive uma, intervenção cirúrgica e fui fazer em Goiânia, por uma questão de praticidade, estava lá minha casa e depois dessa intervenção cirúrgica, que não teve nenhuma gravidade, mas foi uma intervenção cirúrgica longa, tratava-se de uma aderência muito, muito, muito generalizada, é, proveniente de uma antiga operação de apêndice, só pra, pra dizer que não era nada grave, mas demorada, na qual houve perda, muita perda de sangue, eu fiquei muito enfraquecida. E voltando, fiquei na nossa casa me restabelecendo, já em período de férias, pra ir pro natal pra Belo Horizonte, que aí nós íamos ter as nossas férias no período normal. Nos primeiros dia que eu passei na minha casa, depois de hospitalizada, tive hospitalizada uma semana, e depois que voltei pra minha casa esta... es... me puseram numa espreguiçadeira, pegando um pouco de sol na grama da minha casa e eu, meio dormindo, assim, meio acordada, aquela, aquela.

(WC) - Sonolência?

(CF) - Aquela sonolência de uma pessoa enfraquecida, eu comecei a ter um sobressalto, que não chegava a ser um sonho, em que eu esta... tinha um medo horrível e pensava comigo, eles vão chegar e vão mandar a gente sair, eu vou ter que sair daqui, o que que eu estou fazendo aqui nesta casa? Porque tinha passado o ano todo confinada naquele apartamento de sala e quarto, chamado J.K. E naquela inquietude, eu chorei e meu marido veio: "Que que você tem?" Eu falei: "Eles vão sair, eles vão nos mandar embora, eles vão tirarr a gente daqui." Ele

disse: "Você está sonhando, o que que isso?" Quando eu abri os olhos: "Nossa! Que coisa horrível. Eu sonhei que iam nos tirar daqui desta casa, que essa casa não era nossa." Eu acho que isto é, é, embora seja um, uma coisa muito íntima, ela é, é muito significativa pra mostrar o estado de espírito, que esta falta de residência gerou em todos nós.

(WC) - Em todos.

(CF) - Sensação de insegurança, sensação de sem teto, eu não tenho.

(WC) - Pânico, né?

(CF) - De pânico. E não tem pra onde ir, eles vão nos tirar, eles vão nos tirar. E então, isso, eu acho que é, é muito significativo, dentro deste contexto, de alguém que nunca tinha tido uma experiência como esta, não é? Mas, depois dessa invasão da, da, das casas do BNDES, os professores foram encaminhados, por ordem do presidente da República, para o, o anexo do Brasília Palace Hotel.

(WC) - É. Ainda teve mais esse drama.

(CF) - Aí eles foram pra lá e havia um ônibus que buscava e trazia esses professores, até que, foi providenciada a entrega das casas, as mesmas casas que eles haviam invadido, desta vez, por via legal. Então, o que ficou.

(WC) - Levou muito tempo pra eles receberem as casas?

(CF) - Alguns meses, alguns meses. O que ficou patenteado é que, o governo, fez valer um princípio de autoridade que não, entrar e ficar morando não fica bem, vamos sair, vamos resolver essa coisa legalmente mas sempre reconhecendo que, embora (riso) o método não tivesse sido o mais aconselhável, as razões que levaram os professores a esse ato, que eu não diria impensado, que foi muito bem planejado.

(WC) - Muito bem pensado.

(CF) - É. Esse ato, assim, mais heróico, não é? Mais drástico, essas

razões foram bem compreendidas e então, acho que em matéria de moradia, eu acho que eu já disse isso, só gostaria de dizer outra coisa, aí já mais, já mais amena mas também muito significativa do problema da falta de residência. Eu fiz parte, com vários colegas, de várias comissões de seleção de professores, porque a partir de 61, a rede foi crescendo e nós selecionávamos professores a, para a, o sistema educacional, para as novas turmas.

(WC) - Através de concursos?

(CF) - Concursos, provas escrita, provas de aula e entrevistas. Eram concursos rigorosos, com editais, por todas as capitais, e vinham professores candidatos de vários pontos do país.

(WC) - Era esse, exatamente, essa pergunta que eu ia fazer. Se já faziam.

(CF) - E esses professores vinham.

(WC) - Ambito nacional.

(CF) - E nós tínhamos, situações assim, surrealistas. Porque os professores passavam nas provas escritas, passavam na prova de aula e à hora da entrevista vinha a pergunta inevitável. E a fundação ou a secretaria, primeiro e.l.. era secretaria, mais tarde, foi a fundação, acho que não, ela foi criada em, em 61 já, foi criada a fundação educacional; então, eles nos perguntavam: "A fundação educacional dá residências?" Não. Não dá residências, ela não tem residências. "Existem residências pra gente alugar?" "Não, não existem residências pra alugar." "Então, onde que a gente vai morar?" Eram situações muito, muito estranhas, muito, muito inusitadas. Você convoca o professor pra ele vir fazer a prova, ele vem, fazer a prova, passa; "Onde que eu vou morar? Não sei! Isso é problema seu." "Mas como

problema meu?" Não é? Então, realmente isso, acho que foi assim muito difícil.

(WC) - Só uma coisa. Quantos concursos foram promovidos, depois desse célebre de 60? A cada ano era promovido um concurso?

(CF) - Não lembro mais. Eu participei de alguns concursos, eu não saberia precisar o número, né? Mas fizemos alguns. No mínimo.

(WC) - E sempre a nível nacional, as convocações, né?

(CF) - Ah, sim! Nós tínhamos a preocupação de mandar avisos pros jornais das várias faculdades. Depois não precisou disso mais. À medida que Brasília foi crescendo, nós começamos a ter é, um, um, mão-de-obra suficiente, né? Eu diria assim. Eu me lembro que em 1961, na minha direção na CASEB, nós abrimos o curso noturno do ginásio. Aí não se chamava mais CASEB, chamava-se Ginásio do Plano Piloto, mais tarde ele voltou a ser chamado de CASEB, pra ser respeitado na tradição, né? Pra se é, honrar toda uma afetividade que esse nome envolve, né? Mas ele chamou-se o Ginásio do Plano Piloto muito tempo. E ao tempo do Ginásio do Plano Piloto nós abrimos o curso noturno, uma clientela enorme.

(WC) - Em que tempo? Em que ano?

(CF) - No ano de 61.

(WC) - Em 61?

(CF) - Em 61 já abriu o curso noturno. E esse curso noturno foi aberto com o curso diurno e eu me lembro que, eu não sei se 61 ou 62.

(WC) - (Acabou... Eu quero ter uma)...

(CF) - Eu tenho impressão de que.

(JD) - (Eu acho que já tá pra terminar essa fita)

(WC) - (Ainda pode fechar)

(CF) - Eu não sei, se 60 ou 62 é, cheguei a ter 60 turmas no colégio,

nos três turnos.

(WC) - Atendendo todos os níveis.

(CF) - Atendendo o ginásio, só o ginásio.

(WC) - Só o ginásio.

(CF) - Porque, a partir de 1961, o segundo ciclo, do curso do ensino médio.

(Final do lado "A" da fita II)

(CF) - No início de 61 o segundo ciclo foi para, o local, onde estava construindo o Elefante Branco e, não o prédio, porque o prédio só ficou pronto mais tarde. Ele era, realmente, um prédio muito grande.

(WC) - Era mesmo um elefante branco, né?

(CF) - Um elefante. E não foi, perdão, não foi em 61, foi já no segundo semestre de 60 o, o segundociclo já foi para um, um prédio de madeira que os professores, na sua verve, apelidaram de Sibéria. Porque era um, era ali naquela, naquele mato ali, naquele cerrado, onde está o Elefante Branco, lugar com muito vento. E eu quando vim pra Brasília achei que estava vindo para uma cidade fria e foi um ano frio e eles, chamavam ali de Sibéria porque, realmente, era frio, ventava muito.

(WC) - Muito vento, né?

(CF) - Muito, sem conforto, né? Então, você falou em Elefante Branco, sim, é preciso que se diga que quem cunhou o nome Elefante Branco foi o coronel Aparício Branco. Que morreu num acidente, alguns anos mais tarde, foi um acidente de carro e ele fazia parte da Comissão Administrativa do Sistema Educacional de Brasília. Quando eles vieram

aqui, antes de nós, quando eles vieram ver as obras de construção do Elefante Branco, do centro de ensino médio de Brasília, que era o nome, viram que, por se tratar de uma obra muito grande, de um edifício muito grande, ele, em nenhuma hipótese ficaria pronto para maio de 1960. Como o compromisso do ministério da Educação com o presidente Juscelino Kubitschek, era de transferir, de implantar para o sistema educacional de Brasília, a rede pública, o ensino público, à época da, para a inauguração e ter tudo pronto, tanto que se processou concurso nacional, nós tivemos o, o, o seminário, o estágio de preparação, percebeu-se muito rapidamente, eles perceberam que aquele prédio não ficaria pronto a tempo, foi quando Aparício disse: "Não fica pronto porque isto é um elefante branco. Isto é enorme, não vai ficar pronto". Então, às pressas construíram o prédio, onde hoje está o ginásio da CASEB, hoje já bastante é, reformado com, com obras de alvenaria, mas ele era todo pré-moldado e foi feito em 79 dias, 79 dias ficou pronto aquilo. Era, originariamente, a planta naquele local da escola normal, mas que mais tarde veio a ser construída, ao lado do Elefante Branco, né? Mas, a partir então, do segundo semestre, o segundo ciclo se mudou lá pra Sibéria, perto da construção do Elefante Branco.

(WC) - Esse eu não conhecia, Sibéria.

(CF) - No edifício lá, onde hoje funciona a CASEB, ficou o ginásio e a gente então pôde instalar, não só ampliar mas receber mais turmas como também implantar o ginásio noturno. É, era muito curioso porque nós não tínhamos professores em número suficiente, não é? E eu me lembro que, eu dizia pro diretor do ensino médio, que a essa altura era o professor Roberto Gomes Leobons, ele está em Brasília.

(WC) - Ah, nós vamos encontrá-lo.

(CF) - De... depois de ter morado alguns anos, trabalhando na O.E.A., acompanhando o doutor Armando Hildebrand, já voltou pro Brasil, está em Brasília. Um grande amigo, grande figura; ele, eu dizia pra ele assim? "Eu preciso de professores, precisamos encontrar professores." E para o curso noturno, os nossos recursos humanos de docência estavam nos ministérios, no Congresso, no, no, nos quarte... no quartel (riso), né? Porque eu tinha, lá à noite, militares, funcionários da Câmara, do Senado, funcionários dos vários ministérios que é, eu assumi. Então, às vezes, eu brincava: "Hoje eu estou muito ocupada à noite, eu vou pra esquina da W3 ver se eu pesco um professor de matemática, se pesco um professor de desenho." Existe uma, um incidente muito interessante que aconteceu comigo e o professor Adail Bernardino, Dalla Bernardino, que é um arquiteto e... ele foi nosso professor, eu não sei se ele ainda leciona na fundação, acredito que não, mas o Dalla Bernardino ele foi nosso professor de desenho no curso noturno muito tempo e parece-me, que se não me engano, diurno também, isso aí não tenho muita certeza mas, do noturno eu tenho certeza. Eu estive à cata de um professor de desenho, o professor que, estava encarregado da turma, viajou de férias e levou consigo as provas dos alunos e não me devolveu. Eu tive problemas seríssimos, esse professor não apareceu mais e eu comecei a tentar um novo professor de desenho pra es... pras turmas que estavam sem professor e uns dois ou três aceitaram de ir dar aula lá, marcaram o dia de irem, sumiram e não voltaram, não apareceram mais. Uma noite, me aparece lá o Dalla Bernardino, e se apresentou no meu gabinete, diga-se de passagem, que eu chegava no ginásio às sete horas da manhã, eu ia em casa almoçar, voltava, ia, ia jantar e voltava e ia em casa meia-

noite, (riso) porque as tarefas eram muitas, né? O Dalla Bernardino me cumprimentou, disse que tinha sabido que eu precisava de um professor de desenho, que ele tinha ido se apresentar. E eu que já não aguentava mais contratar o professor de desenho e ele não aparecer, eu disse: "Olha, vamos fazer o seguinte, se o senhor, de fato, tem a intenção de vir dar aula, vamos conversar. Mas se o senhor não tem intenção eu não vou nem começar a conversar com o senhor." Ele conta isso pra todo mundo, até hoje, que ele ficou espantadíssimo. Porque era uma recepção inusitada, uma coisa absurda, né? Como é que pode? Até que eu expliquei a ele tudo, que eu já estava cansada de re... de obter o compromisso de um professor de ir dar aula e ele não voltar. Era, as coisas eram feitas assim, você precisava de um professor, contratava o professor e comunicava o departamento, então vinha o memorando de contratação, quando era para entrar para o quadro, então, nós fazíamos concurso. Foi difícil, tivemos muito problema, muitos problemas com recursos humanos, com professores no início e muito também, por isso que eu acabei de explicar a vocês, que era a falta de residência.

(WC) - Residências, né?

(CF) - Não oferecíamos condições. Também aos poucos, à medida em que, foi mudando a, o perfil econômico, a vida de Brasília foi encarecendo, é, o poder de compra do salário-mínimo foi diminuindo, o salário se deteriorou e aquela atração que o magistério de Brasília, de Brasília tinha no início para os professores, passou a não existir, não é?

(WC) - Isso, a partir de que tempo? Da pra você detectar? Que pra mim isso é uma nebulosa.

(CF) - Ah, eu não saberia dizer, não. Isso foi ao longo do tempo, né?

(WC) - E que incentivo vocês tinham mais pra virem professores pra cá?

(CF) - Nos primeiros anos era o salário, era o salário e,

evidentemente, é, a, muitas pessoas tinham que vir pra Brasília por outra razões, né? Cônjuge tinha que vir pra Brasília, né? Então, os pais tinham que vir pra Brasília, a noiva, o noivo, havia várias motivações, não é? Então, isso, foi com isso que a gente foi formando um quadro de professores. Agora a, a, a, o esmero, a, de seleção, foi realmente o inicial, aquele inicial foi feito com um alto nível de ambição, porque o que se esperava, o que se planejou pra Brasília era um sistema modelar de ensino. E a partir do estágio que nós fizemos, antes da inauguração, começava aqui e terminava no Rio de Janeiro, nós começamos a trabalhar o planejamento, propriamente dito, já num porte de uma escola muito mais moderna, uma escola centrada no aluno, uma escola muito preocupada com os interesses do aluno, com o desenvolvimento psíquico, emocional do aluno é, uma metodologia de muita participação do aluno e uma característica que assombrou muito as pessoas à época, que era a liberdade dos alunos, a liberdade com que os alunos conviviam com os professores. Isto foi uma coisa nova no Brasil, pelo menos numa escola pública, né? Nós tínhamos vários colegas que traziam uma experiência muito rica do colégio de Friburgo, que foi um colégio que fez uma experiência pedagógica da mais alta importância. E os nosso colegas.

(WC) - Que pessoas. Quais, quem eram?

(CF) - De Friburgo? O Mário Coutinho é, de 60, Mário Coutinho, não sei, o Sáber Abreu, a, Almir Coimbra, Luci Coimbra, a esposa dele, professora de inglês.

(INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO)

(CF) - No ano seguinte, fez concurso em Brasília, eu até fiz parte da banca, o professor Fábio Bruno, que foi secretário da educação, né?

(WC) - Em 61?

(CF) - Sessenta e um. Ele lecionou na CASEB, mais tarde, bem mais tarde foi pro Elefante Branco. Ele se iniciou na CASEB quando eu era diretora. E era um, uma, uma, na escola Normal, por exemplo, eu me lembro que eu era orientadora de uma turma, da turma do primeiro ano normal e nós tínhamos seções, a gente introduziu, desde o início, o que eu hoje tenho aqui muito parecido no meu curso de mestrado, evidentemente que, com, no nível acadêmico muito diferente mas uma grande liberdade de discussão, de debate, de participação de alunos e os alunos se sentiam muito bem no colégio porque eles eram, eles se, se sentiam o centro do processo. Eu acho que isto pode ser dito sem medo de errar e todos nós que nos preparamos para iniciar a, a escola pública de Brasília, a escola de nível médio, porque é preciso que se faça justiça à NOVACAP, que já tinha algumas escolas primárias com uma excelente orientação, pessoal de muito bom nível que havia começado esse trabalho aqui, não é? Então, quando eu falo instalação do sistema de ensino eu estou mais me referindo ao ensino médio.

(WC) - Ensino médio.

(CF) - E, evidentemente, as escolas classes. Foi uma coisa muito bonita porque nós recebemos os alunos, no dia 16 de maio, em verdade, a aula inaugural que o Juscelino deu, deu foi dias depois, não foi no dia 16 de maio, ele não tinha disponibilidade naquele dia; dia 16 de maio nós recebemos os alunos, fomos apresentados às turmas, eu recebi minha turma de primeiro ano normal, fui para a sala com essa turma, tive com eles uma conversa e dali nós fomos para a escola parque, eu fui com eles para a Escola Parque, a gente ia à pé, né? Era tudo muito

próximo e, tenho escrito, inclusive, lembranças desse dia a, o ensejo do 20º aniversário da CASEB, eu escrevi um artigo sobre isso, isso está em algum lugar.

(WC) - E que deve constar da sua lista.

(CF) - Da lista, é, vamos ver. Então, eu disse que foi uma lição viva de filosofia da educação, porque, eu peguei essas alunas, fizeram inclusive, eu devia ter isso guardado em algum lugar, mas eu confesso que não tenho, eu acho que não, o, os relatórios que elas fizeram dessa experiência, dessa vivência. Nós fomos assistir lá, lá no auditório da Escola Parque a apresentação que o doutor Armando Hildebran fez das professoras primárias, todas no palco, às famílias que estavam lá com as crianças. Com aquela delegação, a família, a escola, a importância do aluno, a importância do professor, aquilo tudo foi uma lição muito viva. E quando nós voltamos pra es... pra CASEB, pro prédio lá, curso normal, elas sentaram ou fizeram para o dia seguinte, não sei, então as impressões daquela, aquela, aquele primeiro contato.

O ensino normal àquela época foi planejado com uma preocupação muito grande de se associar a teoria à prática já desde o início. No primeiro ano, nossos alunos tinham o que nós chamávamos de vivência. No segundo, era observação e no terceiro ano era a prática, propriamente dita. Nesta vivência, uma vez por semana, eu ia com esses alunos pra Taguatinga, que era onde nós tínhamos algumas escolas, nós tínha... nós visitávamos as do Plano Piloto também e, e os alunos tinham assim, uma orientação de coisas que eles queriam vivenciar dentro da escola mas uma, uma exceção deles na vida da escola sem maiores preocupações acadêmicas. Então eles começaram a sentir, a,

sentir o ar, o, o clima da escola, né? E a partir dali a gente utilizava muito aquela vivência para a, a, as aulas. Eu dava fundamentos da educação e isso incluía fundamentos filosóficos e sociológicos, é, biológicos e antropológicos, talvez, né? E nós fazíamos um planejamento para essa vivência, por exemplo, quando nós tínhamos uma, uma, a unidade era biologia e fundamentos biológicos nós participamos na escola, isso tudo planejado com a diretora, nunca me esqueço, escola um de Taguatinga, a diretora era a Felícia (incomp.) se não me engano, os nossos alunos participaram de exame de visão dos alunos, pesagem dos alunos, é, é, banhamento dos alunos, a cantina, com a refeição, é, a, a, alguns tópicos que depois a gente desenvolveria nos fundamentos biológicos da educação. Ensinos filosóficos e sociológicos, antropológicos.

(WC) - Esse planejamento era feito pelos professores?

(CF) - Esse planejamento era sempre feito em equipe. Outra coisa.

(WC) - De forma é, horizontal e vertical?

(CF) - Horizontal e vertical. Vertical eu não diria tanto, não. Eu acho (incomp.) de ter os alunos participando, não. Mas tinha, mas o trabalho era todo de equipe.

(WC) - Não, mas eu digo horizontal na forma de interrelação.

(CF) - A interrelação disciplina sim.

(WC) - Com a disciplina e vertical no sentido de crescimento, de análise.

(CF) - Sim, sim. É nesse sentido sim. Era uma equipe é, interdisciplinar; eu me lembro que, participavam, por exemplo, Conceição de Freitas, professora de didática. Deise Collet de Araújo, professora de psicologia, eu, professora de fundamentos da educação, há outro que dava filosofia da educação, outro que dava sociologia,

outro que dava é, metodologia disso e daquilo, isso tudo era planejado, era um planejamento global. Então, nós trabalhávamos, isso nós conseguimos fazer durante, talvez dois anos, depois as coisas foram ficando diferentes, foi crescendo. Eu, realmente, essa experiência de magistério, eu só tive no ano de 1960, porque eu saí em dezembro pra aquele tratamento de saúde, a que já me referi, e quando eu voltei em janeiro, encontrei uma carta de doutor Armando Hildebrand me convidando pra assumir a direção do ginásio.

(WC) - E aí você saiu das salas de aula.

(CF) - Aí, deixei a escola normal, o curso normal já estava na Sibé... tinha ido, foi pra Sibéria, foi pra Sibéria e eu fiquei, e eu fiquei então na CASEB.

(JD) - Até então a senhora dava no curso normal.

(CF) - No normal, no prédio da CASEB. Que no prédio da CASEB, no primeiro ano, funcionou tudo. O curso científico clássico saíram, esses cursos saíram acho que no segundo semestre, mais ou menos. E o curso normal foi um, foi no outro se... saiu em 61, já se, desvinculou daquele prédio e ali ficou só o ginásio, eu assumi a direção.

(JD) - Foi em 60, né?

(CF) - É, 61. Janeiro de 61. Que mais, que você quer saber?

(WC) - Você, essa, essa sua experiência de 60 a 61 já tá toda estipulada. A partir daí, você passa a fazer parte de, do esquema de direção já no ensino, não é?

(CF) - Exato!

(WC) - Já centralizado. Já era secretaria da educação? Ou você ainda fica na direção de escola.

(CF) - Não, não era secretaria, era superintendência de educação.

(WC) - Superintendência. Você ainda fica na direção da escola por quanto tempo?

(CF) - Eu fico na, na direção da, do ginásio, a CASEB, até fevereiro de 1963.

(WC) - Ah, sei. É a partir de 63 que você vai.

(CF) - Sessenta e três eu trabalhei só um mês na escola normal, já no prédio grande do Elefante Branco, a essa altura já estava inaugurado mas fui requisitada pelo ministério da Educação para uma experiência fascinante pra mim, que foi trabalhar como assessora e chefe de setor do plano trienal da educação.

(WC) - Isso em 63?

(CF) - Sessenta e três. Eu fui pro ministério da Educação, lá eu trabalhei, trabalhei no ministério e a partir de então, porque eu fiquei lá muito tempo.

(WC) - Quantos anos?

(CF) - Eu fiquei no ministério, requisitada, até novembro de 63. Depois eu fui ser técnica de assuntos, eu entrei pro quadro do ministério; então eu comecei a, a, a trabalhar na, na fundação educacional à noite. Foi quando nós é, é, tivemos que absorver um, um, um curso normal noturno que a professora, Barcelos, esqueci o primeiro nome dela.

(WC) - Helena Barcelos?

(CF) - Helena Barcelos?

(WC) - Né?

(JD) - Aqui do departamento de áudio?

(WC) - Não!

(CF) - Não. Não me lembro, não. Ela havia criado um curso normal e a

esta altura eu já estava no conselho de educação do Distrito Federal. E nós tivemos que absorver aquele curso porque ele estava sem condições de funcionar e eu passei então, a trabalhar nesse curso normal noturno.

(WC) - À noite!

(CF) - À noite!

(WC) - O curso supletivo, surge quando?

(CF) - Com este nome, ele só surge depois da Lei 5.692, em 1971. Mas antes disto.

(WC) - É o curso de adulto, né?

(CF) - Nós tivemos.

(WC) - Como é que chama?

(CF) - Chamava-se.

(WC) - Superação de adultos.

(CF) - Educação de adultos, né?

(WC) - Educação de adultos, é.

(CF) - Ele algumas vezes, alguns chamavam supletivo mas não no sentido que depois da lei de di... a 5.692 emprestou a ele, né? Mas era, era um cursos é, havia uma associação de educação de adultos aqui, havia curso da associação de trabalhadores e esse é o embrião do ensino supletivo aqui no Distrito Federal.

(WC) - Em 1963, já se inicia também, o movimento de educação de adultos é, orientado por Paulo Freire. Você tomou conhecimento disso em algum momento?

(CF) - Olha.

(WC) - Depois que ele se oficializa? Que (incomp.) oficialização, né?

(CF) - Eu estava no ministério da educação, trabalhando no plano trienal da educação, o ministro da educação era aquele, doutor Paulo

de Tarso Santos que tinha sido prefeito, era o ministro da educação.

(WC) - Isso mesmo!

(CF) - Foi ele quem mandou chamar Paulo Freire em Pernambuco, para vir para o Distrito Federal, para o ministério da educação, pra estender em nível na... a nível nacional a experiência que ele havia feito no nordeste. E Paulo Freire então veio, para o ministério da educação, começou a preparar uma equipe pra trabalhar com ele de, iniciar aqui o trabalho em Brasília. Em outros pontos do país, mas eu vi mais de perto a equipe do Distrito Federal.

(WC) - Ele organizou equipes em todos os estados, não é?

(CF) - Eu penso que sim, eu, eu não tenho muita certeza do que ocorreu nos outros estados. Pelo menos em alguns estados sim. E no Distrito Federal ele montou uma equipe, uma equipe central, que por coincidência, eu trabalhava numa sala separada da minha por armários de aços, né? Então, eu pude acompanhar muito de perto o trabalho que se realizava lá. Eu tinha algumas amigas, colegas lá dentro, a Vilma, esposa do coronel Aparício, trabalhou com ele.

(Final do lado "B" da fita II)